

Envolvimento do RPC com a América Latina e a Europa Central e Oriental: Comparações e Perspectivas

DR. EVAN ELLIS, PHD

Introdução

Ao longo dos últimos vinte anos, a República Popular da China (RPC) expandiu seu envolvimento político, institucional, econômico e outras formas de engajamento com todas as regiões do mundo. Não é de surpreender que, como o envolvimento em ambas as regiões é formulado pelo mesmo Partido Comunista Chinês e pelas instalações da sede das Empresas Estatais (SOE) baseadas na RPC, ela é amplamente comparável entre regiões.¹ As diferenças do envolvimento da RPC entre as regiões geralmente refletem diferenças entre os tipos de governo, oportunidades de negócios específicas, geografia estratégica e relações históricas e diferentes níveis de familiaridade chinesa com o país alvo, entre outros. Uma análise comparativa do envolvimento da RPC entre regiões oferece perspectivas que ajudam a identificar padrões e diferenças comuns, com foco nos motivos pelas quais cada uma ocorre.²

Há um volume de trabalhos em inglês limitado, mas crescente, sobre o envolvimento da RPC com os países da Europa Central e Oriental. Os trabalhos importantes incluem o relatório “A influência da China no Sudeste, Europa Central e Oriental”,³ da Fundação Carnegie, além de vários trabalhos de grupos de reflexão como “Observadores da China na Europa Central e Oriental”⁴ e o Centro de Análise de Política Europeia, com sede em Washington DC.⁵

Os estudiosos também incluíram capítulos focados regionalmente em trabalhos sobre o envolvimento global da China,⁶ com alguns incluindo trabalhos sobre o envolvimento da RPC na Europa Central e Oriental.⁷ Há relativamente poucos estudos, particularmente em inglês, comparando as atividades da RPC na Europa Central e Oriental com as de outras partes do mundo.⁸ Este trabalho tenta ajudar a preencher essa lacuna.

Este artigo analisa o envolvimento da RPC com os países da Europa Central e Oriental (*Central and Eastern Europe* - CEE), em comparação com suas atividades na América Latina e no Caribe. Faz isso em quatro amplos setores: (1) Relações políticas e atividades multilaterais, (2) padrões de comércio e investimento, (3) atividades voltadas para a influência e (4) envolvimento em segurança.

Este trabalho conclui que os padrões de atividade da RPC nas duas regiões são amplamente semelhantes. Em ambos, a RPC atua em uma ampla variedade de setores, buscando acesso seguro a *commodities* e alimentos, bem como acesso a mercados e tecnologias estratégicas, enquanto busca tirar o máximo proveito possível do valor agregado de tais atividades. Em ambos, a RPC obtém e exerce considerável poder de influência, aproveitando as expectativas de benefícios das elites políticas e comerciais locais, enquanto cultiva relações “entre povos” que envolvem acesso e viagens à RPC, cortejo midiático e alguma exploração de chineses étnicos nos países-alvo, entre outras ferramentas. Em ambas as regiões, os regimes “populistas” dão à RPC oportunidades relativamente maiores de envolvimento em segurança e atividades politicamente provocativas, ao mesmo tempo em que permitem às empresas sediadas na RPC acordos econômicos significativos em termos vantajosos, embora frequentemente acompanhados de dificuldades.

Envolvimento Político e Multilateral

A história das relações entre a RPC e os países da Europa Central e Oriental é um pouco mais longa e mais tensa do que as relações entre a RPC e a América Latina.

Historicamente, o contato entre a China e os países da CEE surgiu da sua localização na Rota da Seda, ligando a China à Europa Ocidental. Durante a Guerra Fria e os anos seguintes, alguns chineses migraram para a região, principalmente através da Rússia e Hungria, em busca de oportunidades de trabalho e negócios.⁹ Nas Américas, o principal contato histórico da China surgiu do comércio de prata entre Peru, México e Ásia por meio dos famosos “galeões de Manila”,¹⁰ e chineses étnicos imigraram para partes da região, incluindo o Peru, que hoje é o Panamá, e o Caribe, geralmente por oportunidade econômica.¹¹

Relações Diplomáticas

Dos 12 países da CEE, todos aqueles que eram entidades nominalmente soberanas no âmbito do Pacto de Varsóvia em 1949, quando os comunistas assumiram o controle do continente chinês (Albânia, Bulgária, Hungria, Polônia e Romênia), reconheceram a RPC naquela época. Esse reconhecimento refletiu as relações relativamente positivas entre os Partidos Comunistas da RPC e a União Soviética e o Pacto de Varsóvia naquela época. Os estados bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia) tinham implicitamente relações com a RPC como parte da União Soviética quando esta reconheceu de forma semelhante a RPC após a independência. Além disso, no entanto, os Estados Bálticos reconheceram formalmente a RPC ao romperem com a União Soviética e se tornarem Estados independentes em 1991. O reconhecimento da RPC nessa época provavelmente não foi visto

como uma escolha estratégica provocativa, uma vez que a maior parte do resto do mundo já tinha estabelecido relações diplomáticas com a RPC, incluindo os EUA, que tinham reconhecido a RPC em 1979, sinalizando que fazê-lo não era inconsistente com a identidade como país democrático pró-Ocidente. Da mesma forma, a Croácia e a Eslovênia reconheceram a RPC em 1992, pouco depois de terem alcançado formalmente a independência da Iugoslávia, que havia reconhecido a RPC em 1955.

Nos estados da América Latina mais conservadores e alinhados com os EUA, as relações formais com a RPC desenvolveram de forma mais gradual. Os primeiros atos de reconhecimento diplomático da RPC na região foram gestos de afinidade ideológica com o Bloco Comunista, numa época em que os EUA continuavam a manter relações com a República da China (Taiwan). Cuba foi a primeira, reconhecendo a RPC em 1959, após a tomada do poder naquele país pela guerrilha comunista de Fidel Castro. O Chile foi o segundo, reconhecendo a RPC em dezembro de 1970, após a eleição do presidente socialista Salvador Allende. Após esses dois desvios da orientação predominante na região, a aquiescência dos EUA à presença da RPC na Assembleia Geral das Nações Unidas em outubro de 1971, e a subsequente melhoria nas relações EUA-China, sinalizaram à região que o reconhecimento diplomático da RPC para a região era uma estratégia aceitável, preparando o terreno para que a maior parte do resto da América Latina estabelecesse relações diplomáticas formais com a RPC nas duas décadas que se seguiram.

Os estados do Caribe, com exceção de Cuba, foram geralmente os últimos do hemisfério a estabelecer relações com a RPC, refletindo o fato de que a região era apenas parcialmente soberana durante esse período, com muitos países ainda governados, ou suas políticas externas administradas por potências coloniais. As Bahamas e Santa Lúcia reconheceram a RPC em 1997, após uma década em que houve poucas mudanças no resto do hemisfério.

Na virada do século 21, à medida que a RPC começou a expandir visivelmente o seu envolvimento comercial e outros engajamentos com todas as regiões do mundo, os estados do Caribe e da América Central, e o Paraguai na América do Sul, que continuaram a reconhecer Taiwan, tornaram-se o foco da luta diplomática entre esta última e a RPC. A história diferente anteriormente observada das relações com a RPC nos países da Europa Central e Oriental significou que tal “luta diplomática” estava ausente das relações entre a RPC e a ECO.

Apesar dessa ausência, decorrente do reconhecimento diplomático da RPC por todos os países da CEE, nos últimos anos, vários estados fizeram fortes gestos simbólicos no sentido de manter interações comerciais e políticas com Taiwan, de formas que geralmente não ocorreram na América Latina. Em 2020, por exemplo, o presidente do Senado da República Tcheca viajou a Taiwan. Em 2021, o

ministro das Relações Exteriores de Taiwan, Joseph Wu, viajou para a Eslováquia, enquanto no mesmo ano, uma delegação eslovaca de 43 pessoas viajou para a ilha.¹² Em abril de 2022, o governo checo enviou uma delegação de 150 pessoas para visitar Taiwan.¹³ A Lituânia abriu um escritório de representação no país no mesmo ano.¹⁴

Na América Latina, o gesto análogo mais notável foi a iniciativa do governo pró-EUA da Guiana em 2021 de abrir um escritório comercial de Taiwan no país, embora a iniciativa tenha sido rescindida em questão de horas, aparentemente após pressão significativa da RPC.¹⁵

Iniciativa Cinturão e Rota

No que diz respeito à Iniciativa Cinturão e Rota (*Belt and Road Initiative* - BRI) da China, as trajetórias de ambas as regiões foram semelhantes, embora a ascensão da América Latina à iniciativa tenha sido atrasada pela sua falta de ligação histórica com a “Rota da Seda” da China, a base original da BRI.

Na Europa, todos os países da CEE, a começar pela Hungria, aderiram à iniciativa entre 2015 e 2017, apenas quatro anos após a criação da BRI, em 2013.¹⁶

Na América Latina e no Caribe, a adesão do Panamá, em 2018, indicou à região que a RPC estava oficialmente estendendo a iniciativa ao Hemisfério Ocidental, que historicamente não fazia parte da “Rota da Seda”. A adesão do Panamá desencadeou então uma corrida de três anos, semelhante à dos países da CEE, na qual 19 dos 33 países soberanos da América Latina haviam aderido até dezembro de 2021.¹⁷ Aqueles que optaram por não participar ou não tinham relações diplomáticas com a RPC, eram fortemente alinhados aos EUA (Colômbia) ou integrados à economia dos EUA (México) ou eram grandes estados voltados para o Atlântico que viam a adesão como desnecessária ou um ato de subserviência política ou econômica.

Designações de Parcerias

No que diz respeito às relações de “parceria estratégica”, a RPC adotou uma mistura de estados ideologicamente alinhados e de outra forma grandes e importantes como Parceiros Estratégicos tanto na CEE quanto na América Latina.

Na Europa Central e Oriental, os seus parceiros estratégicos incluem Croácia (2005), República Checa (2016), Polônia (2016), Hungria (2017) e Bulgária (2019). Em 2013, o governo romeno anunciou sua intenção de se tornar parceiro estratégico da China,¹⁸ mas a elevação da relação nunca foi consumada.

Entre os parceiros estratégicos da RPC na CEE, a Polônia e a Hungria elevaram suas relações com Pequim à categoria de “Parceria Estratégica Abrangente”.

A Polônia, assim como a Venezuela e o Brasil na América Latina, tem uma estrutura de comitê de nível ministerial associada à sua parceria, o Comitê Intergovernamental China-Polônia.¹⁹

Por outro lado, a Eslováquia, Eslovênia e os três Estados Bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia) ainda não estabeleceram uma relação de parceria estratégica com a RPC, sendo que muitos nos países bálticos veem particularmente a RPC como uma ameaça estratégica significativa.²⁰

Na América Latina, a RPC estabeleceu uma relação de parceria estratégica com todos os estados com os quais estabeleceu relações diplomáticas, com exceção da Colômbia, Guiana, Nicarágua, Cuba e República Dominicana. Elevou essa relação para “Parceiro Estratégico Abrangente” com México, Venezuela, Equador, Peru, Brasil e Argentina.²¹

Impacto do comportamento da RPC no envolvimento político

Nos países da CEE, como na América Latina, a atração de fazer negócios com a RPC facilitou o envolvimento de uma série de regimes, tanto à direita quanto à esquerda, embora em ambas as regiões alguns países tenham se mostrado mais dispostos do que outros a ignorar as diferenças políticas para buscar oportunidades comerciais.

A experiência dos países da CEE como estados dependentes do bloco soviético durante a Guerra Fria geralmente os tornou mais dispostos a gastar capital político com a China em desacordo com seu comportamento político, mesmo que isso comprometa relações comerciais. Em particular, a proximidade geográfica da Ucrânia fez com que o fracasso da RPC em condenar a agressão da Rússia²² fosse uma questão mais premente nos países da CEE do que na América Latina, onde o presidente brasileiro Lula tem buscado ativamente associar seu regime a uma postura mais neutra em relação à Rússia,²³ e apoiar a iniciativa de paz da RPC.²⁴

Apesar da sensibilidade dos países da CEE em relação ao comportamento internacional e ao sistema político da China, muitos nos estados da CEE, como na América Latina, mostraram disposição para ignorar tais questões. O ex-presidente da República Tcheca Miloš Zeman também tinha a reputação de ser relativamente amigável com a RPC, muitas vezes para a consternação de seus serviços de inteligência.²⁵ Da mesma forma, o presidente da Polônia, Andrzej Duda, viajou a Pequim para participar da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno, apesar de ter sido boicotado pelos EUA e a muitos países da Europa,²⁶ embora, posteriormente, o apoio da China à Rússia na Ucrânia tenha se tornado mais um problema para a Polônia.

Tanto na América Latina como nos países da CEE, as relações com a RPC também oscilaram moderadamente com a mudança de regime. Na América

Latina, o fim dos governos conservadores de Iván Duque na Colômbia e Jair Bolsonaro no Brasil abriu as portas para um tom mais caloroso e ampliou as relações comerciais com a RPC em ambos os países. Na CEE, a eleição do governo do Movimento pela Liberdade na Eslovênia, em abril de 2022, sem dúvida diminuiu a atenção do governo esloveno anterior de Janez Janša ao comportamento autoritário da RPC, em favor de uma volta a um maior pragmatismo comercial.²⁷

Relações especiais com regimes populistas

Tanto na América Latina quanto nos países da CEE, a RPC geralmente tem tido interações com maior conteúdo político (em vez de apenas econômico ou cultural) entre países com orientações mais populistas, bem como aqueles que se veem como atores com presença além da região. Na América Latina, esses incluíram governos autoritários anti-EUA na Venezuela, Equador, Bolívia e Cuba, embora a RPC tenha atuado de forma mais cautelosa com o governo sandinista internacionalmente isolado da Nicarágua, que apenas recentemente estabeleceu relações formais com a RPC, em dezembro de 2021.

Notórios parceiros da RPC para as relações políticas na região também incluem o Brasil, embora seja um regime democrático. Lá, a dimensão política das relações com a RPC tem sido apoiada pela visão histórica do Brasil além da região em seus compromissos. O conteúdo político da relação Brasil-RPC foi ajudado pelo desejo de Lula, como em seu primeiro mandato, de posicionar o país como um mediador internacional da paz, vinculando seu regime à iniciativa de paz da RPC na Ucrânia. Esse conteúdo político também foi auxiliado pela participação dos dois países no “fórum dos Brics”, que ganhou ênfase renovada com a volta ao poder do líder de esquerda Luis Inácio Lula da Silva, em janeiro de 2023.²⁸

Nos países da CEE, o governo populista da Hungria tem sido geralmente mais aberto em seu apoio a Pequim e se envolvido em uma maior variedade de transações de segurança e outras em setores sensíveis com a RPC do que outros estados da CEE.²⁹ De fato, a Hungria às vezes é chamada de “a base de apoio da China na Europa”.³⁰ A postura do país, adotada em 2010 pelo governo de Victor Orbán, chamada de “Abertura Oriental”, foi uma reversão significativa das práticas passadas do mesmo governo,³¹ promovida como uma política para reduzir a dependência do país no Ocidente. Assim como o envolvimento chinês com governos populistas da América Latina, o apoio da RPC ao regime de Viktor Orbán é visto por pessoas de fora como combustível que alimenta a corrupção que ajuda a manter o regime.³²

A relação RPC-Hungria também influenciou este último, um membro da UE, a tomar posições que afetam negativamente a solidariedade da UE em relação à RPC. Exemplos incluem o veto da Hungria a uma resolução da UE de 2016

condenando as reivindicações territoriais da RPC e a militarização das ilhas no Mar do Sul da China, bem como sua oposição às posições da UE condenando a internação de muçulmanos uigures pela China e a repressão da RPC à democracia em Hong Kong.³³

Engajamento Multilateral

Tanto na CEE como na América Latina, a RPC tem tentado alavancar fóruns relativamente pouco institucionalizados como núcleo da sua estratégia de envolvimento multilateral. No entanto, os seus esforços para fazer isso têm sido muito mais bem sucedidos na América Latina do que nos países da CEE.

Na América Latina, a RPC tem usado a Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC) como seu veículo multilateral preferido, apesar da RPC ser membro observador da mais representativa e bem institucionalizada Organização dos Estados Americanos (OEA) desde 2004.³⁴ Além de usar a CELAC como um veículo para avançar sua agenda para a região por meio de cúpulas trianuais de liderança China-CELAC, a RPC criou inúmeros fóruns e grupos de trabalho no âmbito da CELAC para avançar seus interesses em temas que vão desde a ajuda humanitária até a cooperação em defesa.³⁵

Paralelamente ao uso da CELAC na América Latina, a RPC tem trabalhado com os países da CEE por meio do fórum “17+1” (atualmente praticamente extinto).³⁶ Assim como a CELAC em relação à OEA na América Latina, a RPC favoreceu o fórum “17+1”, embora a maioria dos estados da CEE estivesse na mais bem institucionalizada e organizada União Europeia.

Em contraste com seu envolvimento com a CELAC na América Latina, a RPC tem sofrido resistência por parte de alguns dos membros mais conservadores do “17+1”, desconfiados de que sua participação no fórum tem sido explorada pela RPC, inclusive para minar a posição de seus outros parceiros europeus. Em maio de 2021, a Lituânia saiu do fórum e, em agosto de 2022, Estônia e Letônia também saíram, com o anúncio vindo logo após exercícios militares em grande escala da RPC dirigidos a Taiwan.³⁷ Em 2022, a Polônia se recusou a participar do fórum devido ao apoio da China à invasão da Ucrânia pela Rússia. A Romênia se recusou a enviar seu presidente para a reunião anual do grupo em março de 2021.³⁸ A República Tcheca também anunciou que pode se retirar.³⁹

Padrões de projetos de comércio, investimento e infraestrutura

No comércio e no investimento, o avanço da RPC na América Latina foi estereotipadamente similar ao dos países da CEE, ajustando-se às diferenças nas estruturas

econômicas de cada região e à relativamente maior proximidade dos países da CEE à China.

Comércio

Nas duas décadas seguintes à aceitação da RPC na Organização Mundial do Comércio em 2001, seu comércio com a América Latina cresceu 28 vezes, atingindo US\$ 483 bilhões em 2022.⁴⁰ Embora a RPC tenha importado principalmente petróleo, minérios e produtos agrícolas de baixo valor agregado da região e exportasse bens e serviços de maior valor agregado, seu envolvimento comercial geral com a região foi relativamente equilibrado. Em 2022, a América Latina importou US\$ 251,4 bilhões enquanto exportou US\$ 236 bilhões para a RPC.⁴¹

Em comparação com o comércio entre a RPC e a América Latina, durante as duas décadas seguintes ao acesso da China à OMC, o comércio da RPC com os países da CEE cresceu 22 vezes, atingindo US\$ 124,4 bilhões em 2022.⁴² Assim como a América Latina, os países da CEE exportaram principalmente produtos agrícolas e outros commodities para a RPC, enquanto importavam uma variedade de bens de maior valor agregado.⁴³ Contudo, devido à industrialização relativamente maior das economias dos CEE, esta especialização traduziu-se em um déficit comercial significativo entre os países da CEE com a RPC. Em 2022, os países da CEE importaram US\$ 95,1 bilhões em bens e serviços, enquanto exportaram apenas US\$ 29,3 bilhões para a RPC.⁴⁴

No que diz respeito à demanda da China por produtos agrícolas e commodities, na América Latina, a RPC tornou-se um grande comprador de cobre e ferro do Cone Sul, bem como lítio do Chile, Argentina, Bolívia e México e o mineral estratégico nióbio do Brasil. A RPC também obtém petróleo da Venezuela, Guiana, Brasil, Peru e Equador, entre outros. Sua demanda também se tornou importante fonte de demanda para as exportações de soja, grãos, carne suína e bovina do Brasil, Argentina e Uruguai, além de farinha de peixe do Peru, açúcar de El Salvador e celulose do Uruguai.

Nos países da CEE, paralelamente às relações comerciais da RPC com o Brasil como um grande país com um significativo setor agrícola, a RPC tornou-se um importante comprador da agricultura da Polônia, incluindo produtos lácteos e carne.⁴⁵ Cerca de 70% das exportações da Bulgária para a RPC eram produtos de mineração.⁴⁶ Assim como o Chile teve sucesso avançando na cadeia de valor agrícola da China com seus vinhos e frutas frescas comercializadas como produtos de luxo,⁴⁷ entre os países da CEE, a Croácia tem tido algum sucesso colocando seu vinho na RPC.⁴⁸

Embora tanto a América Latina quanto os países da CEE tenham uma mistura de agricultura e outros setores de commodities, manufatura e serviços em suas

economias, o legado da participação da CEE no Bloco Soviético durante a Guerra Fria deixou esses países muito mais industrializados do que os da América Latina e, portanto, obrigados a interagir com a RPC a partir de uma estrutura econômica e conjuntos de interesses diferentes de seus homólogos latino-americanos. A Romênia, por exemplo, exporta máquinas industrial, aparelhos óticos e médicos, máquinas elétricas e peças e componentes de veículos para a RPC, enquanto a Croácia exporta veículos de transporte, entre outros produtos.

As políticas de comércio da CEE com a RPC, assim como o comércio da América Latina com a região, refletem tanto as percepções do que a China está comprando, quanto a reação de setores estabelecidos, como a manufatura, ameaçada pela concorrência chinesa. A Romênia, por exemplo, não muito diferente dos semi-industrializados Brasil e Argentina, busca aumentar suas exportações agrícolas para a PRC.⁴⁹

Investimento

O investimento chinês nos países da CEE e na América Latina segue padrões semelhantes, refletindo um esforço dos países baseados na RPC para garantir acesso confiável a alimentos e matérias-primas e mercados e tecnologias estratégicas, com ênfase em projetos de infraestrutura, incluindo não apenas transporte, mas também energia elétrica, telecomunicações, finanças e outras formas de conectividade.

No geral, desde 2001, empresas chinesas investiram mais de US\$ 172 bilhões na América Latina em mais de 500 projetos individuais em uma ampla variedade de setores, desde petróleo, mineração e agricultura, para manufatura, eletricidade, telecomunicações e outras tecnologias e serviços digitais.⁵⁰

Embora dados agregados comparáveis para os países da CEE não estejam disponíveis, somente nos Balcãs as empresas sediadas na RPC realizaram 128 projetos chineses no valor de US\$ 32 bilhões.⁵¹ Na Hungria, empresas sediadas na RPC que estabeleceram presença no país incluem BYD, Lenovo, Wanhua, Huawei e ZTE, bem como as instituições financeiras chinesas Banco da China, Banco de Desenvolvimento da China e o Banco de Construção da China (CCB).⁵²

Setores Extrativos

No que diz respeito às indústrias extrativas, embora a RPC compre quantidades significativas de petróleo, produtos da mineração e produtos agrícolas de ambas as regiões, as empresas sediadas na RPC investiram nesses setores mais extensivamente na América Latina do que nos países da CEE.

Com relação ao petróleo, por exemplo, empresas chinesas têm operações bilionárias no México, Guiana, Suriname, Colômbia, Venezuela, Equador, Peru, Brasil e Argentina. Nos países da CEE, pelo contrário, o interesse de investimento mais significativo da RPC tem sido na Albânia, onde a empresa Geo Jade, com sede na RPC, busca uma concessão para a Patos Marinza, o maior campo de petróleo da Europa.⁵³

Infraestrutura de Transportes

A localização geográfica dos países da CEE entre a RPC e a Europa Ocidental tornou-os foco de projetos de construção chineses em um grau maior do que na América Latina.

Dentro da CEE, a Bulgária desempenha um papel fundamental como o conector estratégico no comércio entre as duas regiões.⁵⁴ A Croácia é igualmente um elo estratégico entre a RPC e o Mediterrâneo, o Sudeste europeu e a Europa Central.⁵⁵

Na América Latina, em contrapartida, embora o Canal do Panamá seja importante para a RPC como um centro logístico global para ter acesso aos EUA e outros mercados globais, a capacidade de acessar esses mercados diretamente da RPC contrasta com a posição dos países da CEE como um intermediário logístico natural entre a RPC e a Europa Ocidental.

A função dos países da CEE como intermediários logísticos naturais entre a RPC e os principais mercados dos seus produtos na Europa Ocidental reflete-se em vários projetos de infraestrutura de elevada visibilidade da RPC nesse país, muitos deles no âmbito da BRI. Na logística marítima nos países da CEE, os chineses avançaram obras no porto búlgaro de Burgas.⁵⁶ Ao Norte, a China State Construction Engineering (CSCE) propôs um complexo logístico portuário na cidade de Varnas.⁵⁷ Empresas com sede na RPC também estariam interessadas em concessões para o porto de Koper, na Eslovênia, um acesso marítimo estratégico aos países da CEE, mas foram preteridas em duas licitações portuárias.⁵⁸

Outros exemplos incluem a construção da ponte Peljesac, na Croácia, pela *China Road and Bridge Corporation* (CRBC) e inaugurada em julho de 2022.⁵⁹ A CRBC também está competindo para construir uma nova ponte de 2 quilômetros de comprimento ligando a ilha croata de Ugljan ao continente.⁶⁰ As empresas sediadas na RPC também procuraram construir o maior túnel submarino do mundo ligando a Estônia à Finlândia, financiado pela RPC e com o trabalho a ser realizado por empresas sediadas na RPC.⁶¹

Apesar desses investimentos chineses em projetos logísticos na CEE, muitas das rotas entre a China e a Europa Ocidental pela região também passam pela Rússia e pela Ucrânia e, portanto, foram interrompidas ou colocadas em risco pela invasão russa.⁶²

Além de projetos de logística terrestre e marítima, tanto na América Latina quanto nos países da CEE, empresas sediadas na RPC ganharam um número limitado de concessões aeroportuárias. Na América Latina, isso inclui a operação de seis aeroportos em Antioquia, na Colômbia, incluindo o Aeroporto Internacional de Rio Negro.⁶³ Nos países da CEE, as operações aeroportuárias chinesas incluem uma concessão obtida pela chinesa Everbright em 2016 para operar o aeroporto internacional da Albânia,⁶⁴ embora tenha tido vários problemas com falhas de segurança.

Energia Renovável e Transporte Verde

Além do transporte, tanto na América Latina quanto nos países da CEE, a RPC está investindo em novas tecnologias de geração e transmissão de eletricidade renovável, bem como tecnologias de transporte verdes e cadeias de suprimentos associadas.

No Brasil, até 2019, empresas chinesas investiram US\$ 36,5 bilhões no setor elétrico do país, capturando mais de 10% da geração, transmissão e distribuição de energia, com 14 empresas sediadas na RPC operando em todo o país.⁶⁵ No Chile, com domínio da indústria privada, as empresas chinesas adquiriram mais de 57% da transmissão e distribuição de energia.⁶⁶ No Peru, em abril de 2023, a *China State Grid* gastou US\$ 2,9 bilhões para adquirir os ativos da empresa chilena ENE.⁶⁷ Projetos chineses de energia eólica incluem Villonaco no Ecuador,⁶⁸ o parque eólico Punta Sierra em Coquimbo no Chile,⁶⁹ e fábricas de turbinas eólicas da empresa chinesa Sinovel,⁷⁰ bem como Goldwind, para apoiar projetos no Brasil,⁷¹ entre outros.

Empresas chinesas também estão avançando nos países da CEE. Em Senj, na Croácia, a chinesa Norinco está construindo um parque eólico de 130 moinhos, o maior do país.⁷²

Na Hungria, uma empresa com sede na RPC procurou construir uma grande fábrica de baterias de lítio, embora tenha encontrado alguma resistência local.⁷³

Também no setor de eletricidade, a RPC também buscou projetos de energia nuclear em ambas as regiões, embora com sucesso limitado.

Na América Latina, o interesse da RPC no setor nuclear tem se concentrado na Argentina. Lá, o trabalho do grupo Gezouba para construir seu reator de água pressurizada Hualong-1 no complexo de Atucha, na Argentina, enfrentou problemas devido à insistência do governo argentino para que a RPC fornecesse 100% do financiamento.

Nos países da CEE, a *China National Nuclear Corporation* (CNNC), juntamente com a russa Rosatom, prosseguiu a construção da instalação nuclear de Belene, na Bulgária.⁷⁴ Por outro lado, empresas sediadas na RPC foram excluídas

de projetos nucleares tanto na República Checa (em 2021) como na Romênia, onde a CNNC inicialmente procurou construir dois reatores nucleares em Cernavodă.⁷⁵

A China também está fazendo avanços significativos nos mercados de veículos elétricos em ambos os países. Na América do Sul, a BYD conquistou uma fatia significativa do mercado de carros elétricos. No Chile, a China vendeu mais ônibus elétricos do que em qualquer país fora da China. Da mesma forma, a BYD tem uma presença significativa na Hungria.⁷⁶ Na Croácia, os chineses avançam com as vendas de caminhões elétricos Dok-Ing.⁷⁷

Setores de Tecnologia Digital

Tanto na América Latina como nos países da CEE, empresas sediadas na RPC têm buscado uma presença ativa nos setores das tecnologias digitais, embora essa presença tenha sido menos bem sucedida nos países da CEE.

Nas telecomunicações, as empresas sediadas na RPC Huawei, ZTE e Xiaomi são provedoras bem estabelecidas de *smartphones* e outros dispositivos de comunicação digital.⁷⁸ Por outro lado, na computação em nuvem, enquanto a Huawei opera vários servidores em nuvem na América Latina,⁷⁹ buscando atrair empresas para armazenar seus dados e processos sensíveis na nuvem da Huawei, ela ainda não tem essa presença em nenhum dos países da CEE.⁸⁰

Como na América Latina, empresas sediadas na RPC têm um papel nas iniciativas de pesquisa em tecnologia digital e nas arquiteturas de “cidades inteligentes” dos países da CEE. A Huawei está, por exemplo, construindo “cidades inteligentes” em Osijek e Pula, na Croácia.⁸¹ Também está estabelecendo um centro de pesquisa de inteligência artificial na Bulgária.⁸²

Tanto na América Latina quanto nos países da CEE, os chineses têm componentes embutidos em infraestruturas sensíveis que poderiam coletar dados digitais. Em ambas as regiões, por exemplo, a empresa chinesa Nuctec atua com *scanners* usados em instalações alfandegárias e outros postos de controle de transporte. Na CEE, a Nuctec tem um escritório regional e equipamentos operando na Polônia,⁸³ bem como na Letônia, Lituânia e Estônia.⁸⁴

Setores Bancário e Financeiro

Em apoio às suas operações comerciais, tanto na América Latina como nos países da CEE, os bancos chineses estão expandindo as operações por meio da obtenção de licenças comerciais e, por vezes, de sucursais para operações locais.

Na América Latina, o Banco Industrial e Comercial da China (ICBC) tem escritórios no México, Argentina, Peru e Brasil.⁸⁵ O Banco da China (BoC) tem

escritórios na Argentina, Brasil, Chile, México, Panamá e Peru.⁸⁶ O Banco de Construção da China tem presença no Brasil.⁸⁷

Na CEE, da mesma forma, o ICBC opera na República Checa e na Polônia,⁸⁸ e o Banco da China (BOC), entre outras instituições sediadas na RPC, está presente na República Checa, Hungria, Polônia e Romênia.⁸⁹ No entanto, ao contrário da América Latina, o CCB não tem escritórios de representação nos países da CEE.

Em ambas as regiões, a RPC está buscando acordos que ampliem o uso internacional da moeda chinesa, o RMB. Na América Latina, isso inclui acordos de swap cambial com o Brasil⁹⁰ e a Argentina,⁹¹ e o comprometimento de ambos para denominar as principais transações de *commodities* na moeda chinesa.⁹² Na CEE, os esforços da China para promover o RNB foram mais limitados, mas incluem a emissão de títulos denominados em RNB pela Polônia em 2016.⁹³

Investimento para Acesso e Desacoplamento de Mercados

Tanto na América Latina como nos países da CEE, empresas sediadas na RPC às vezes têm investido para obter acesso aos mercados locais ou aos mercados de países maiores próximos. No Brasil, por exemplo, montadoras chinesas, assim como fabricantes de equipamentos pesados como Sany e JAC, estabeleceram operações de montagem final em busca do grande mercado brasileiro, bem como dos países vizinhos, por meio da união aduaneira do Mercosul, da qual o Brasil faz parte. Nos países da CEE, em 2018, a chinesa Hisense também adquiriu a Gorenje, fabricante local de eletrodomésticos, para facilitar o acesso a esse grande mercado local.⁹⁴

Um contraste entre a busca de acesso ao mercado pela China por meio de investimentos nas duas regiões é que na América Latina, particularmente no México e na América Central, os investimentos da RPC foram ainda mais incentivados pelos imperativos do “desacoplamento”, que algumas empresas chinesas procuram posicionar operações perto dos EUA para não perder o acesso ao mercado dos EUA⁹⁵ devido aos esforços contínuos para excluir empresas chinesas das cadeias de suprimentos em setores semelhantes.

A China e regimes populistas

Tanto na América Latina como nos países da CEE, países populistas receberam alguns dos projetos de construção de maior visibilidade, embora quase universalmente projetos baseados em empréstimos em vez de investimentos, com quase todos enfrentando dificuldades na execução.

Na América Latina, esses projetos em países populistas incluem pelo menos US\$ 60 bilhões em obras na Venezuela, financiados por empréstimos de bancos políticos da RPC, US\$ 18,2 bilhões em projetos para o Equador e US\$ 3,2 bilhões para a Bolívia.⁹⁶ Nos três países, os maiores projetos foram caracterizados por atrasos, defeitos, corrupção e protestos sociais. Exemplos incluem a ferrovia abandonada de Tinaco-Anaco,⁹⁷ e o projeto CVG Ferrominera Orinoco na Venezuela,⁹⁸ as fracassadas usinas hidrelétricas de Quijos e Coco Coda Sinclair, no Equador, e o projeto abandonado da ferrovia Montero-Bulo-Bulo, na Bolívia.⁹⁹ Nos países da CEE,¹⁰⁰ exemplos semelhantes de projetos chineses com regimes populistas incluem a malfadada ferrovia de Budapeste-Belgrado, no valor de US\$ 3 bilhões.¹⁰¹

Influência Chinesa e “Diplomacia entre Povos”

Tanto na América Latina quanto nos países da CEE, a influência chinesa é apenas parcialmente uma função da afinidade da população com a cultura e o sistema político chineses. Até certo ponto, a influência chinesa reflete as lições que os observadores tiram em relação ao “modelo” de desenvolvimento da RPC conduzido pelo Estado e/ou sua incorporação de tecnologia para alcançar maior segurança ou eficiência. Em ambas as regiões, uma fonte ainda maior de influência da RPC é a disposição de cooperar com, ou evitar criticar publicamente as ações da RPC ou seu sistema, na busca do esperado acesso ao mercado da RPC, empréstimos e investimentos, ou outras formas de benefícios desse envolvimento.¹⁰²

Uma dimensão importante da influência da China na América Latina e nos países da CEE é o papel dos institutos Confúcio, Bolsas Hanban e outras bolsas de estudo de longo prazo na China, programas mais curtos de desenvolvimento de relações para acadêmicos e analistas, jornalistas e funcionários do governo, entre outros, e atividades da “Frente Unida” pela Divisão de Ligação Internacional do Partido Comunista Chinês, entre outros.

Institutos Confúcio e Bolsas Hanban

Tanto na América Latina quanto nos países da CEE, os Institutos Confúcio desempenham um importante papel de controle, fornecendo educação gratuita em mandarim para estudantes interessados na região e ajudando a criar oportunidades para aqueles com a disciplina de continuar estudando a desafiadora língua e cultura chinesa para obter bolsas de estudo para estudar na China por meio da organização oficial de promoção cultural Hanban. Em ambas as regiões, o número limitado de pessoas com conhecimento profundo da língua chinesa, e outros aspectos do sistema chinês, permite que aqueles que obtêm essa capacidade por meio de pro-

gramas financiados pela China componham uma proporção significativa de pessoal contratado para cargos diplomáticos, comerciais e outros em seus governos.¹⁰³

Atualmente, existem 44 Institutos Confúcio da RPC na América Latina, geralmente com um mínimo de um instituto por país, mas um número maior para países maiores ou com relações particularmente fortes.¹⁰⁴ O número de latino-americanos enviados a cada ano para estudar na China geralmente varia. A Guiana, com sua pequena população de 850 mil habitantes, recebeu 12 bolsas para estudantes estudarem na RPC,¹⁰⁵ enquanto a Colômbia recebeu aproximadamente 70 bolsas da RPC em 2021.¹⁰⁶

Além das bolsas de estudo, existem várias universidades latino-americanas com parcerias com seus homólogos chineses. No comunicado conjunto produzido durante a visita de estado do presidente Lula à RPC em abril de 2023, as partes se comprometeram a ampliar os laços educacionais, incluindo facilitar o aumento do número de chineses estudando no Brasil.¹⁰⁷

O perfil dos Institutos Confúcio nos países da CEE é semelhante ao da América Latina, com um total de 27 institutos na região.¹⁰⁸ A Albânia, Croácia, Eslovênia, Estônia, Letônia e Lituânia têm um cada. A Polônia é a que tem mais, com 6, seguida por Hungria (5), Romênia (4) e Bulgária, República Tcheca e Eslováquia, cada uma com dois. Estima-se que 250 pessoas por ano tenham sido trazidas para a China com bolsas de estudo relacionadas aos Institutos Confúcio no Báltico.¹⁰⁹

Como na América Latina, as universidades dos países da CEE estabeleceram programas de parceria com seus homólogos chineses. Na Bulgária, a Universidade Nacional de Sofia estabeleceu uma parceria com a Universidade de Xangai.¹¹⁰ Autoridades chinesas e búlgaras estabeleceram o Centro Búlgaro-Chinês da Universidade Jiao Tong de Xangai na Universidade de Economia Nacional e Mundial da Bulgária.¹¹¹ Talvez o caso mais polêmico seja na Hungria, onde a Universidade Fudan da China está abrindo um campus satélite em Budapeste,¹¹² provocando protestos devido aos melhores imóveis estarem sendo fornecidos aos chineses, bem como à falta de transparência em relação às atividades que lá serão realizadas.¹¹³

Programas de viagens de curto prazo

Tanto na América Latina quanto nos países da CEE, como um complemento aos estudos de longo prazo na China para uma pequena elite, o governo chinês convida regularmente acadêmicos, consultores, jornalistas, funcionários do setor de segurança e outros funcionários do governo para a RPC para participar de vários fóruns de desenvolvimento de relações e outras viagens.¹¹⁴

Embora o número exato de pessoas que receberam essa generosidade não seja público, na América Latina e no Caribe, o plano China-Celac 2019-2021 comprometeu a RPC a trazer até 6 mil latino-americanos para a China apenas durante

esse período de 3 anos.¹¹⁵ Nos países da CEE, os exemplos incluem a Associação Chinesa para o Entendimento Internacional na Bulgária, que organiza viagens de líderes búlgaros, acadêmicos e outros à China.¹¹⁶

Embora aqueles que participam dessas viagens não se tornem necessariamente espíões ou propagandistas acríticos pró-RPC, o desejo daqueles que recebem essa benesse chinesa de respeitar a generosidade de seu anfitrião e manter seu acesso privilegiado à RPC é um poderoso incentivo para aqueles que recebem esse favor, geralmente entre os mais bem informados sobre os riscos da RPC em sua região, à autocensura.¹¹⁷

Atividades do Departamento de Trabalho da Frente Unida

Tanto na América Latina quanto nos países da CEE, a Divisão de Ligação Internacional do Partido Comunista Chinês da RPC realiza atividades de sensibilização por meio de elites locais solidárias e outros para avançar os objetivos da RPC, sob o pretexto do “Departamento de Trabalho da Frente Unida” (UFWD). Por meio da UFWD e de outros veículos, a RPC contata regularmente órgãos legislativos e partidos políticos tanto na América Latina como nos países da CEE.¹¹⁸

Na América Latina, as atividades da UFWD geralmente têm como alvo funcionários sêniores, ligados à RPC por meio de “sociedades de amizade”. Muitas vezes, eles visam governos que reconhecem Taiwan, pressionando-os por meio de funcionários locais de alto nível amigáveis à RPC para mudarem suas relações diplomáticas para a RPC.

Uma dimensão desse lobby em ambas as regiões são as atividades partidárias e legislativas. Na América Latina, por exemplo, a declaração conjunta da viagem do presidente Lula a Pequim incluiu uma seção sobre o fortalecimento da cooperação parlamentar.¹¹⁹ Exemplos nos países da CEE incluem um grupo formal pró-RPC no parlamento búlgaro, cuja missão é promover a “amizade” entre a China e a Bulgária.¹²⁰

Lobbies empresariais da China

Tanto na América Latina como nos países da CEE, a RPC também trabalha para promover os seus interesses no domínio comercial por meio de organizações daqueles que realizam ou que estão interessados em fazer negócios com a RPC. Exemplos na América Latina incluem a Câmara de Comércio Sino-Colômbia, a Câmara de Comércio Sino-Argentina e o Conselho Empresarial Brasil-China, entre outros. Nos países da CEE, os exemplos incluem a Associação de Desenvolvimento Empresarial Bulgária-China e a Câmara de Comércio Bulgária-China, entre outros.¹²¹

Tanto na América Latina quanto nos países da CEE, a RPC também se envolve em nível local, por meio de relações entre cidades irmãs e outros formatos. Essas relações tornaram-se particularmente importantes durante o período da pandemia e, em especial, para países com os quais a RPC tem dificuldades a nível nacional. No Brasil, por exemplo, entre fevereiro de 2020 e fevereiro de 2022, a RPC fez 72 doações relacionadas à Covid-19 para o Brasil, das quais 58 foram canalizadas para estados e cidades brasileiras.¹²² Nos países da CEE, a RPC forneceu numerosos presentes a entidades locais, incluindo um sistema de controle climático para um museu albanês local.¹²³ Zagreb, a capital da Croácia, mantém uma relação de cidade-irmã com Xangai e Pequim. Além disso, as localidades croatas de Rijeka, Split, Dubrovnik, Opatija, Varazdin, condado de Primorje-Gorski kotar, condado de Osijek-Baranja, condado de Zadar, condado de Lika-Senj e Vukovar-Srijem mantêm interações com os parceiros chineses da cidade de Dalian, cidade de Qingdao, cidade de Ningbo, cidade de Xi'an, cidade de Hangzhou, cidade de Harbin, província de Liaoning, província de Hainan, província de Sichuan, província de Qinghai e província de Hebei e Henan.¹²⁴

Tanto na América Latina como nos países da CEE, a RPC trabalha com os meios de comunicação locais procurando assegurar uma cobertura positiva de questões importantes para a China e reprimir as reportagens negativas. Esse trabalho inclui o serviço nacional de notícias CGTN, da RPC, que fornece *feeds* de notícias visuais e de áudio para estações locais, bem como o financiamento de suplementos publicitários lucrativos em jornais e revistas locais e o patrocínio de viagens de jornalistas à RPC.¹²⁵

Na América Latina, em abril de 2023, a Empresa Brasil de Comunicação (EBC) assinou um acordo de compartilhamento de conteúdo com a agência de notícias estatal chinesa Xinhua.¹²⁶ Mais tarde naquele mês, após Honduras mudar o reconhecimento diplomático de Taiwan para a RPC, o *China Media Group* abriu um escritório em Tegucigalpa e assinou um acordo de compartilhamento de conteúdo com a Televisão Nacional de Honduras.¹²⁷

Nos países da CEE, em 2022, a Televisão Nacional da Bulgária assinou um acordo com a CCTV para retransmitir conteúdo chinês no canal nacional búlgaro BNT-2.¹²⁸ Na República Tcheca, a RPC comprou uma emissora de TV local.¹²⁹ Na Bulgária, o *China Today* é distribuído como um jornal local.¹³⁰ Em relação aos jornalistas, entre outros exemplos, em 2020, o Sindicato Nacional de Jornalistas da Bulgária e seus homólogos na China concordaram em realizar um “fórum de solidariedade.”

Tanto na América Latina como nos países da CEE, a RPC procura estabelecer laços e alavancar a população chinesa para fazer avançar os seus objetivos. Embora isso normalmente inclui esforços de sensibilização pela embaixada chinesa em

ocasiões como a celebração do “Ano Novo Lunar Chinês”, nos últimos anos, também passou a incluir “delegacias de polícia”, nas quais representantes do governo da RPC, nem sempre devidamente registrados com os países anfitriões em que operam, realizam atividades de ligação e monitoramento da população étnica chinesa local. Isso às vezes pode se estender à alavancagem de parentes na China e outras técnicas para “coagir” a população étnica chinesa local a modificar o seu discurso ou comportamento no país em que estão vivendo. Na América Latina, foram identificadas “delegacias” da RPC no Peru, Argentina, Colômbia e Panamá, entre outros.¹³¹ Na CEE, essas delegacias foram identificadas na Croácia, Eslováquia e Romênia.¹³²

Envolvimento em segurança

Com relação ao envolvimento em segurança, tanto na América Latina quanto nos países da CEE, a RPC tem mantido contato por meio de um conjunto constante, embora de baixo nível, de doações de bens para forças militares e policiais, visitas institucionais e patrocínio de pessoal de segurança da região para cursos em instituições militares da RPC. Em ambas as regiões, os países populistas geralmente foram mais longe do que seus homólogos mais democráticos e alinhados ao Ocidente na busca de relações de segurança com a RPC.

Na América Latina, as doações chinesas de equipamentos de segurança incluem veículos militares e equipamentos de construção entregues às Forças Armadas do Peru e da Colômbia, bem como à Força de Defesa da Jamaica e à Força de Defesa da Guiana, entre outras. Além de seu envolvimento com as forças militares tradicionais, a RPC também doou motocicletas e veículos para a polícia da República Dominicana, Trinidad e Tobago e Guiana.¹³³ Deu coletes e capacetes à prova de balas para as forças policiais do Panamá,¹³⁴ e motocicletas e equipamentos antimotim para a Costa Rica.¹³⁵ A RPC também doou aeronaves de transporte militar Y-12 para a Guiana,¹³⁶ Costa Rica,¹³⁷ e Colômbia.¹³⁸

Com relação às vendas de equipamentos militares mais sofisticados, a RPC vendeu caças K-8 para governos populistas da Venezuela e Bolívia, helicópteros militares Z-9 para a Bolívia e 709 caminhões militares para o governo populista de Rafael Correa no Equador.¹³⁹ Até o momento em que este artigo foi escrito, a China continua buscando a venda de seu caça JF-17 para a Argentina.¹⁴⁰ Se aprovada, a venda seria a aeronave militar mais sofisticada vendida pela RPC para a região.

Ao contrário da América Latina, os CEE quase não têm registro de compra ou recebimento de equipamentos de segurança da China.

Com relação às visitas institucionais, praticamente todos os países latino-americanos que reconhecem a RPC enviaram pessoal para cursos de curta duração

em sua Universidade de Defesa Nacional em Champing, bem como para cursos mais longos em Nanjing e outras instalações militares. O pessoal do Exército de Libertação Popular (ELP) veio para o curso de Lanceros da Colômbia, em Tolimaida, e para treinamento na Escola de Guerra na Selva do Brasil, perto de Manaus. O navio-hospital chinês Peace Arc visitou a região três vezes, em 2011, 2015 e 2018-19, e seus navios de guerra fazem escalas periódicas no hemisfério. Em junho de 2023, o governo dos EUA confirmou relatos de que a RPC manteve uma presença de coleta de inteligência em Cuba, possivelmente envolvendo coleta de inteligência de sinais eletrônicos direcionada aos Estados Unidos, e atualizada em 2019.¹⁴¹

No que diz respeito ao envolvimento institucional militar da RPC com os países da CEE, em 2019, a RPC recebeu o ministro da Defesa da Hungria em Pequim e, em 2021,¹⁴² a Hungria recebeu o ministro da Defesa da China, Wei Fenghe, numa reunião em que as duas nações se comprometeram a reforçar os laços de defesa.¹⁴³

Conclusões

A análise deste documento sobre o envolvimento da RPC com os países da América Latina e os da Europa Central e Oriental sugere que a RPC segue abordagens comparáveis em múltiplas regiões do mundo. Salientou que a procura por mercadorias, alimentos e mercados estratégicos pela RPC é global em escala, com os setores específicos visados dependendo mais dos atributos da economia do que da região. Da mesma forma, sugere que a busca por projetos de conectividade de infraestruturas pela RPC é mundial, incluindo não apenas estradas, ferrovias e portos, mas também eletricidade, telecomunicações e outras conectividades. A natureza dos projetos, no entanto, difere entre os países da CEE, devido à sua localização em vias estratégicas entre a RPC e os maiores mercados da Europa Ocidental, versus a América Latina, para os quais os projetos de infraestrutura são mais exclusivamente direcionados ao acesso à recursos da região, mercados e oportunidades de negócios decorrentes da construção desses projetos.

A RPC também cultivou uma influência significativa tanto na América Latina quanto nos países da CEE, que se manifesta em uma abertura para trabalhar com a RPC, apesar das diferenças sobre o sistema político e os comportamentos, na esperança de garantir benefícios econômicos. O medo de perder esses benefícios, ou o desejo de respeitar a confiança e a generosidade demonstradas aos indivíduos em ambas as regiões por meio da diplomacia “entre povos” da RPC, leva a um silenciamento seletivo em ambas as regiões sobre os riscos do envolvimento com a RPC, entre aqueles que melhor conhecem o estilo de envolvimento da RPC e os riscos associados. No entanto, nos países da CEE, o legado histórico de dominação

da União Soviética comunista tornou os governos e o povo um pouco mais sensíveis a esses esforços de influência e gestão da informação do que na América Latina.

Tanto na América Latina como na Europa Central e Oriental, proteger e perseguir o interesse nacional com eficiência no contexto do compromisso com a RPC requer transparência, Estado de Direito, boa informação e boa governação. Também requer uma compreensão profunda sobre a RPC como parceira e concorrente. Estudos contínuos, incluindo análises transregionais como os aqui realizados, contribuem para esse fim. □

Notas

1. R. Evan Ellis, “Envolvimento chinês na América Latina e na Europa: comparações e interdependências”, *Diálogo*, July 23, 2021, <https://Diálogo-americas.com/>.

2. John Deni, et. al., *China, Europa e a recessão pandêmica: investimentos de Pequim e segurança transatlântica*, (Carlisle Barracks, PA: U.S. Army War College Press, 2022), 199-214, <https://press.armywarcollege.edu/>.

3. Eric Brattberg, et. al., “A influência da China no Sudeste e Leste Europeu e na Europa Central,” *Carnegie Foundation for International Peace*, 3 de outubro de 2021, <https://chinaobservers.eu/>.

4. Ivana Karásková et al., “Sobre a escolha,” 2023, Acesso em 7 de junho de 2023, <https://chi-naobservers.eu/>.

5. Alina Polyakova et al., *O Centro de Análise de Política Europeia (CEPA) é uma organização sem fins lucrativos e sem fins lucrativos tisan, instituição de políticas públicas com sede em Washington DC, focada no fortalecimento da aliança transatlântica através de pesquisas, análises e programas de ponta* (Washington, DC: Centro de Análise de Política Europeia, 7 de junho de 2023, <https://cepa.org/>).

6. David Shambaugh, *China se torna global: O poder parcial*, (Oxford: Oxford University Press, 2013).

7. Paolo Alfonso et al., *O Manual Palgrave da Globalização com Características Chinesas*. (Cingapura: Palgrave Macmillan, 2023), https://doi.org/10.1007/978-981-19-6700-9_1.

8. Ellis, “Envolvimento chinês na América Latina e na Europa: comparações e interdependências,” 2021.

9. Pál Nyíri, *Migração chinesa para o Leste Europeu* (Oxford: Blackwell Publishing, Ltd., 2003).

10. Manuel Perez-Garcia, “Prata, renegados e redes comerciais: Sangleyes e Galeões de Manila conectando o Império Espanhol e a dinastia Qing na China,” *História Global com Características Chinesas*. (Cingapura: Palgrave Macmillan, 2022). https://doi.org/10.1007/978-981-15-7865-6_4

11. Emilio Batista, “Panamá comemora o 169º aniversário da chegada da comunidade chinesa ao Panamá,” *Andres Bello Foundation*, 18 de abril de 2022, <https://fundacionandresbello.org/>.

12. Marshall Reid, “Laços crescentes da Eslováquia com Taiwan sinalizam descontentamento com a China na Europa Central e Oriental,” *The Diplomat*, 14 de dezembro de 2021, <https://the-diplomat.com/>.

13. Filip Sebok, “Presidente da Câmara dos Deputados da República Checa chega a Taiwan em uma missão”, *Choice*, 28 de março de 2022, <https://chinaobservers.eu/>.
14. Erin Hale, “Lituânia aprofunda relações com Taiwan em meio a tensões com a China,” *Voice of America*, 13 de setembro de 2022, <https://www.voanews.com/>.
15. Reuters and CNN staff, “Guiana reverte plano de abrir escritório em Taiwan após Pequim criticar ‘erro’”, *CNN*, 5 de fevereiro de 2021, <https://www.cnn.com/>.
16. “Iniciativa Cinturão e Rota,” *O Banco Mundial*, 29 de março de 2018, <https://www.worldbank.org/>.
17. Scott Foster, “Cinturão e Rota circundam a América Latina e o Caribe,” *Asia Times*, 8 de janeiro de 2022, <https://asiatimes.com/>.
18. Andreea Brinza, “Concorrentes estratégicos em busca da China: A história da Romênia e da Bulgária,” *MEI@75*, 17 de junho de 2023, <https://www.mei.edu/>.
19. “Ministro Zbigniew Rau conversa com chefe da diplomacia chinesa,” Governo da Polônia, Site Oficial, 10 de junho de 2022, <https://www.gov.pl/>.
20. Sigita Struberga, “O Outro Desconhecido? Percepções da China na Letônia,” *Choice*, 13 de maio de 2020, <https://chinaobservers.eu/>.
21. “Parcerias Globais da China,” *Newsweek*, Acesso em 8 de junho de 2023, <https://d.newsweek.com/>.
22. Kawala Xie, “O plano de paz da China para a Ucrânia: o que diz e quais são suas chances de sucesso?” *South China Morning Post*, 27 de abril de 2023, <https://www.scmp.com/>.
23. Constance Malleret, “A visita de Lavrov ao Brasil destaca a política externa neutra de Lula, apesar da consternação dos EUA,” *The Guardian*, 17 de abril de 2023, <https://www.theguardian.com/>.
24. Julia Jones, “Lula, do Brasil, lança ‘coalizão de paz’ para a Ucrânia, mas segue uma linha tênue,” *CNN*, 24 de abril de 2023, <https://www.cnn.com/>.
25. “Milos Zeman: O líder checo orgulha-se de ser politicamente incorreto,” *BBC*, 12 de outubro de 2021, <https://www.bbc.com/>.
26. “Andrzej Duda poleci na igrzyska do Chin i spotka się z Xi Jinpingiem,” *Rzeczpospolita*, January 18, 2022, <https://www.rp.pl/>.
27. Tinkara Godec, “Política da China ficará em segundo plano após eleições eslovenas,” *Choice*, 29 de abril de 2022, <https://chinaobservers.eu/>.
28. Anthony Boadle, “Lula, do Brasil, coloca a paz na Ucrânia em sua agenda na China,” *Reuters*, 11 de abril de 2023, <https://www.reuters.com/>.
29. Réka Koleszár, “Mais do mesmo na política da Hungria para a China?” *Choice*, 12 de abril de 2022, <https://chinaobservers.eu/>.
30. Réka Koleszár, “Em meio ao acalorado debate europeu sobre a China, a Hungria permanece em Pequim - Curso amigável,” *Choice*, 27 de abril de 2023, <https://chinaobservers.eu/>.
31. Gabriela Greilinger, “A posição crescente da China na Hungria,” *The Diplomat*, 27 de fevereiro de 2023, <https://thediplomat.com/>.
32. Edit Zgut-Przybylska, “Como o investimento chinês sustenta Orbán e corrói a democracia,” *Visegrad Insight*, 10 de abril de 2022, <https://visegradinsight.eu/>.
33. Greilinger, “A posição crescente da China na Hungria”.
34. Evan Ellis, “Fóruns e Influência: Estratégia Competitiva Chinesa e Organizações Multilaterais na América Latina e Caribe,” *Modern Warfare Institute*, 14 de junho de 2022, <https://mwi.usma.edu/>.

35. Evan Ellis e Leland Lazarus, “Ambições de Ano Novo da China para a América Latina e o Caribe,” *The Diplomat*, 12 de janeiro de 2022, <https://thediplomat.com/>.
36. Andreea Brinza, “Como o 17+1 da China se tornou um mecanismo zumbi,” *The Diplomat*, 10 de fevereiro de 2021, <https://thediplomat.com/>.
37. Una Aleksandra Bērziņa-Čerenkova, “Falando dos pensamentos de quem? Por que as consequências dos comentários de Lu Shaye vão além dos bálticos,” *Choice*, 25 de abril de 2023, <https://chinaobservers.eu/>.
38. Matei Rosca, “Romênia revela os limites do alcance da China na Europa,” *Politico*, 3 de março de 2021. <https://www.politico.eu/>.
39. “CChecos consideram ‘todas as opções’ em relação ao grupo 16+1 da China,” *Reuters*, 20 de maio de 2022, <https://www.reuters.com/>.
40. *Direção de Estatísticas do Comércio*, Fundo Monetário Internacional, Acesso em 8 de junho de 2023, <https://data.imf.org/>.
41. *Direção de Estatísticas do Comércio*, 2023.
42. *Direção de Estatísticas do Comércio*, 2023.
43. R. Evan Ellis, “O Papel da China na América Latina e no Caribe,” Declaração perante o Subcomitê de Relações Exteriores do Senado sobre Hemisfério Ocidental, Crime Transnacional, Segurança Civil, Democracia, Direitos Humanos e Questões Globais das Mulheres, 31 de março de 2021, <https://www.foreign.senate.gov/>.
44. *Direção de Estatísticas do Comércio*, 2023.
45. Jan Duda, “Interpelação nr 28120,” Governo da Polônia, Site oficial, 11 de maio de 2021, <https://www.sejm.gov.pl/sejm9.nsf/interpelacjaTresc.xsp?documentId=D6C8CE3CCB3FC211C125878F002D7CF2&view=S>.
46. Ellis, “O Papel da China na América Latina e no Caribe,” 2021.
47. Dan Seikman, “Exportações de uvas de mesa do Chile para a China aumentaram em 2019/20,” *Produce Report*, 20 de maio de 2021, <https://www.producereport.com/>.
48. Dario Mihelin, “30 anos de laços diplomáticos: CCroácia, China na era dos diamantes,” *CGTN*, 15 de maio de 2022, <https://news.cgtn.com/>.
49. Rosca, Romênia revela os limites do alcance da China na Europa.
50. “America Latina y el Caribe,” *Red China-ALC*. Acesso em 11 de junho de 2023, <https://www.redalc-china.org/>.
51. Amanda Coakley, “A Albânia é um novo campo de batalha do Cinturão e Rota,” *Foreign Policy*, 24 de janeiro de 2022, <https://foreignpolicy.com/>.
52. Rika Koleszar, “Em meio ao acalorado debate sobre a China na Europa, a Hungria segue rumo favorável a Pequim,” *Choice*, 27 de abril de 2023.
53. Coakley, “A Albânia é um novo campo de batalha do Cinturão e Rota”.
54. “Bulgária e China levam relações a um novo nível,” *The Sirius Report*, 6 de julho de 2022, <https://www.thesiriusreport.com/>.
55. Dario Mihelin, “30 anos de laços diplomáticos”.
56. Alba Popescu, “A ameaça silenciosa” – O “jogo” geopolítico da China na região do Mar Negro,” Artigo apresentado ao Colégio de Defesa Nacional da Romênia, 25 de junho de 2021, <https://doi.org/10.53477/2668-5094-21-18> <https://revista.unap.ro/>.
57. Rumena Filipova, “Influência chinesa na Bulgária: Batendo em uma porta escancarada?” *Choice*, 8 de setembro de 2019, <https://chinaobservers.eu/>.

58. Saša Istenič Kotar, “Influência chinesa na Eslovênia,” *Choice*, 10 de agosto de 2022, <https://cepa.org/>.
59. Luka Ivan Jukic, “Depois de Pelješac, China e Croácia de olho em um novo projeto de ponte,” *Choice*, 20 de setembro de 2021, <https://chinaobservers.eu/>.
60. Jukic, 2021.
61. “As algemas douradas do investimento chinês,” *Choice*, 6 de setembro de 2019, <https://chinaobservers.eu/>.
62. Lunting Wu e Kamil Matusiewicz, “Relações entre a China e a Polônia em meio à guerra na Ucrânia,” *The Diplomat*, 13 de outubro de 2022, <https://thediplomat.com/>.
63. Evan Ellis, “Las relaciones China-Colombia en el contexto de la relación estratégica entre Colombia y los Estados Unidos,” In Benjamin Creutzfeldt, Ed., *China en América Latina* (Bogotá, Colombia. Universidad Externado, 2012).
64. Gentioli Madhi, “História de um aeroporto chinês na Albânia,” *Choice*, 19 de maio de 2020, <https://chinaobservers.eu/>.
65. Pedro Enrique Batista Barbosa, “Iluminando: Chegada da China ao setor elétrico brasileiro,” *Boston University Global Development Policy Center*, 25 de janeiro de 2021, <https://www.bu.edu/>.
66. Ariel Cohen, “Viagem da China ao centro da Terra - para minerais raros,” *Forbes*, 2 de junho de 2021, <https://www.forbes.com/>.
67. “A Enel concorda em vender dois ativos peruanos para a chinesa CSGI por US\$ 2,9 bilhões,” *Reuters*, 7 de abril de 2023, <https://www.reuters.com/>.
68. Stephanie Hince, “Loja Villonaco: Investimento em Energia Limpa no Equador,” *Boston University*, Novembro de 2020, <https://www.bu.edu/>.
69. Dina Roy, “A crescente influência da China na América Latina,” *Conselho de Relações Exteriores*, 12 de abril de 2022, <https://www.cfr.org/>.
70. “Grupo Sinovel vai construir fábrica de turbinas no Brasil,” *MWPS*, 3 de novembro de 2011, <https://www.mwps.world/>.
71. “Goldwind fecha acordo de US\$ 28,6 milhões para instalar fábrica de turbinas eólicas no Brasil,” *Renewables Now*, 27 de março de 2023, <https://renewablesnow.com/>.
72. Aljosa Milenkovic, “Parque eólico croata construído pela China é um dos maiores dos Balcãs,” *CGTN*, 6 de dezembro de 2021, <https://newseu.cgtn.com/>.
73. “Uma cidade húngara ferve sobre uma gigantesca fábrica chinesa de baterias,” *The New York Times*, 15 de março de 2023, <https://www.nytimes.com/>.
74. Filipova, “Influência Chinesa na Bulgária”.
75. Evan Ellis, “Envolvimento chinês na América Latina e na Europa: comparações e interdependências,” 2021.
76. “BYD lançará vendas de caminhões elétricos e transportadores na Hungria,” *Electric Drive*, 22 de dezembro de 2021, <https://www.electrive.com/>.
77. Dario Mihelin, “30 anos de laços diplomáticos”.
78. Filipova, “Influencia china en Bulgaria”.
79. “HUAWEI CLOUD intensifica investimento na América Latina com novos programas de parceiros,” Huawei, site oficial, 26 de agosto de 2021, <https://www.huaweicloud.com/>.
80. “Onde posso acessar os serviços do site da HUAWEI CLOUD International?” Huawei, Site oficial da empresa, Atualizado em 23 de fevereiro de 2023, <https://support.huaweicloud.com/>.

81. Vladimir Shopov, “China se volta para grãos: A abordagem multinível de Pequim aos Balcãs Ocidentais,” *Choice*, 18 de novembro de 2020, <https://chinaobservers.eu/>.
82. “Huawei e Universidade de Sofia cooperam em IA e outras novas tecnologias de ponta,” *EUReporter*, 12 de janeiro de 2021, <https://www.eureporter.co/>.
83. “NUCTEC Europa,” Nuctec, site oficial, Acesso em 7 de julho de 2023, <https://nuctecheu.ropce.com/>.
84. Erika Kinetz, “Scanners de segurança em toda a Europa ligados ao governo da China, militares,” *AP News*, 20 de janeiro de 2022, <https://apnews.com/>.
85. Site oficial do Banco de Comércio Internacional da China, Acesso em 7 de julho de 2023, <https://www.icbc-ltd.com/>
86. “Lista das principais filiais e subsidiárias”, Banco da China, site oficial, acesso em 7 de julho de 2023, <https://pic.bankofchina.com/>.
87. Site oficial do Banco de Construção da China. Acesso em 7 de julho de 2023, <http://en.ccb.com/>
88. Banco de Comércio Internacional da China, 2023.
89. “Banco da China (Europa) S.A.,” *The Banks.eu*, Acesso em 7 de julho de 2023, <https://thebanks.eu/banks/>.
90. “China e Brasil assinam acordo de swap cambial de US\$ 30 bilhões,” *BBC*, 27 de março de 2013, <https://www.bbc.com/>.
91. “Bancos centrais da China e Argentina renovam acordo bilateral de swap cambial,” *Global Times*, 10 de junho de 2023. <https://www.globaltimes.cn/>.
92. “Governo da Argentina pagará importações chinesas em yuan em vez de dólares,” *U.S. News and World Report*, 26 de abril de 2023, <https://money.usnews.com/>.
93. Wu and Matusiewicz, “Relações China-Polónia”.
94. Kotar, “Influência Chinesa na Eslovénia”.
95. Peter S. Goodman, “Por que empresas chinesas estão investindo bilhões no México,” *The New York Times*, 7 de fevereiro de 2023, <https://www.nytimes.com/>.
96. “Bancos de Dados Financeiros China-América Latina,” *Inter-American Dialogue*, Acesso em 11 de junho de 2023. <https://www.thedialogue.org/>.
97. Joshua Goodman, “Trem-bala chinês na Venezuela trava enquanto aliança descarrila,” *AP News*, 14 de maio de 2016, <https://apnews.com/>.
98. María Antonieta Segovia, “Un trueque soñado con China terminó en deuda de pesadilla para Venezuela,” *Dialogo Chino*, 14 de fevereiro de 2021, <https://Diálogochino.net/>.
99. Evan Ellis, “Participación china en Bolivia,” *Fundacion Millenio*, 31 de julho de 2020, <https://fundacion-milenio.org/>.
100. Alexandra Valencia, “Empresa de energia do Equador descobre mais problemas em usina construída na China,” *Reuters*, 20 de julho de 2021, <https://www.reuters.com/article/ecuador-power-china-idUSL1N2OW10M>. Veja também “Equador: Fiscalía pide prisión para expresidente Moreno,” *AP News*, 19 de abril de 2023, <https://apnews.com/>.
101. “Uma cidade húngara ferve sobre uma gigantesca fábrica chinesa de baterias,” 2023.
102. R. Evan Ellis, Kelly Senters Piazza, Adam Greer e Daniel Uribe, “El uso del poder blando de China para apoyar su compromiso estratégico en America Latina,” *Journal of the Americas*, Vol. 4, No. 2, <https://www.airuniversity.af.edu/>; and Duda, “Interpelacja nr 28120..
103. “Concha vazia, nunca mais: A crescente presença da China na Europa Central e Oriental,” *Choice*, 7 de abril de 2020, <https://chinaobservers.eu/>.

104. “Institutos Confúcio pelo Mundo,” *Dig Mandarin*, 7 de janeiro de 2023, <https://www.digmandarin.com/>.
105. “Mais treinamento prático para médicos locais à medida que a China renova o compromisso de amizade e doa equipamentos,” *Newsroom Guyana*, 14 de abril de 2023, <https://newsroom.gy/>.
106. Evan Ellis, “Relação da Colômbia com a RPC,” *Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais*, 10 de novembro de 2022, <https://www.csis.org/analysis/colombias-relationship-prc>.
107. “Comunicado Conjunto entre a República Federativa do Brasil e a República Popular da China sobre o Aprofundamento de sua Parceria Estratégica Global – Pequim,” Governo do Brasil, site oficial, 14 de abril de 2023, <https://www.gov.br/>.
108. “Concha vazia, nunca mais: A crescente presença da China na Europa Central e Oriental,” 2020.
109. “Concha vazia, nunca mais: A crescente presença da China na Europa Central e Oriental,” 2020.
110. “Bulgária e China levam relações a um novo nível,” 2022.
111. Filipova, “Influência Chinesa na Bulgária”.
112. Greilinger, “A posição crescente da China na Hungria”.
113. Réka Koleszar, “Mais do mesmo para a política da Hungria para a China?,” *CHOICE*, 12 de Abril 2022, <https://chinaobservers.eu/>.
114. Ellis, et. Al., “O uso do soft power pela China”.
115. Carlos Roa, “Os Estados Unidos estão perdendo a América Latina para a China,” *The National Interest*, 15 de agosto de 2019, <https://nationalinterest.org/>.
116. Ruslan Stefanov, “Influência chinesa na Bulgária,” *CEPA*, 31 de agosto de 2022, <https://cepa.org/>.
117. Evan Ellis, “Corrida para o fundo: A China e a lógica autodestrutiva da diplomacia transacional nas Américas,” *The Diplomat*, 18 de abril de 2023, <https://thediplomat.com/>.
118. Ryan Fedasiuk, “Como funciona o sistema da frente unida da China no exterior,” *Center for Security and Emerging Technologies*, 12 de abril de 2022, <https://cset.georgetown.edu/>.
119. “Comunicado Conjunto entre a República Federativa do Brasil e a República Popular da China sobre o Aprofundamento de sua Parceria Estratégica Global – Pequim,” 2023.
120. Stefanov, “Influência Chinesa na Bulgária”.
121. Stefanov, “Influência Chinesa na Bulgária”.
122. Francisco Urdinez, “Laços econômicos do Brasil com a China florescem apesar de mudanças políticas,” *United States Institute of Peace*, 13 de abril de 2023, <https://www.printfriendly.com/>.
123. Shopov, “China se torna granular”.
124. Dario Mihelin, “30 anos de laços diplomáticos”.
125. Shopov, “China se torna granular”.
126. “Novos acordos Brasil-China reforçam intercâmbio entre veículos de imprensa,” *Agencia Brasil*, 17 de abril de 2023, <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>.
127. “CMG abre escritório em Tegucigalpa após China e Honduras estabelecerem laços,” *CGTN*, 29 de março, <https://news.cgtn.com/news/>.
128. Stefanov, “Influência Chinesa na Bulgária”.
129. “Concha vazia, nunca mais: A crescente presença da China na Europa Central e Oriental,” 2020.
130. Filipova, “Influência Chinesa na Bulgária”.

131. John Feng, “Lista completa das delegacias não oficiais da China em todo o mundo,” *Newsweek*, 5 de dezembro de 2022, <https://www.newsweek.com/>.
132. Feng, “Lista completa das delegacias de polícia não oficiais da China em todo o mundo”.
133. Ellis, “O Papel da China na América Latina e no Caribe,” 2021.
134. Douglas Bravo, “China dona miles de equipos tácticos de protección a Panamá,” *Defensa*, 14 de fevereiro de 2023, <https://www.defensa.com/>.
135. “China Dona a Costa Rica Más De €3.000 Millones En Motocicletas y Equipos Para Resguardar Seguridad Ciudadana,” Governo da Costa Rica, site oficial. 22 de fevereiro de 2021, <https://www.presidencia.go.cr/>.
136. “Treinamento para pilotos e engenheiros do GDF Y-12, em andamento,” *Guyana Chronicle*, 7 de março de 2012, <https://guyanachronicle.com/>.
137. “China dona dos aviones para combatir crimen organizado en Costa Rica,” *La Prensa*, 24 de outubro de 2016, <https://www.laprensa.hn/>.
138. “A China doar 5 milhões de dólares à Colômbia em assistência militar. Os 30,5 milhões de dólares em material militar já foram recebidos,” *Defensa*, 27 de outubro de 2016, <https://www.defensa.com/>.
139. “Equador compra 709 veículos da China por 81 milhões de dólares” *Infodefensa*, 17 de abril de 2015, <https://www.infodefensa.com/>.
140. Gabriel Honrada, “China-Argentina à beira de acordo de caça que abala a região,” *Asia Times*, 17 de março de 2023, <https://asiatimes.com/>.
141. “China vem espionando Cuba há algum tempo, diz autoridade dos EUA,” *Reuters*, 10 de junho de 2023, <https://www.reuters.com/>.
142. “China e Hungria fortalecem cooperação militar,” *CGTN*, 25 de março de 2021. <https://newseu.cgtn.com/>.
143. “China e Hungria fortalecem cooperação militar,” 2021.

Dr. Evan Ellis, PhD

Se desempeña como profesor de investigación sobre América Latina en el Instituto de Estudios Estratégicos del Colegio de Guerra del Ejército de los EUA, con un enfoque en China y otros actores extrahemisféricos en la región, el crimen organizado transnacional y el populismo. El Dr. Ellis tiene un doctorado en Política Comparada de la Universidad de Purdue.